

BC prevê queda na dívida externa com ajuda de investimento direto

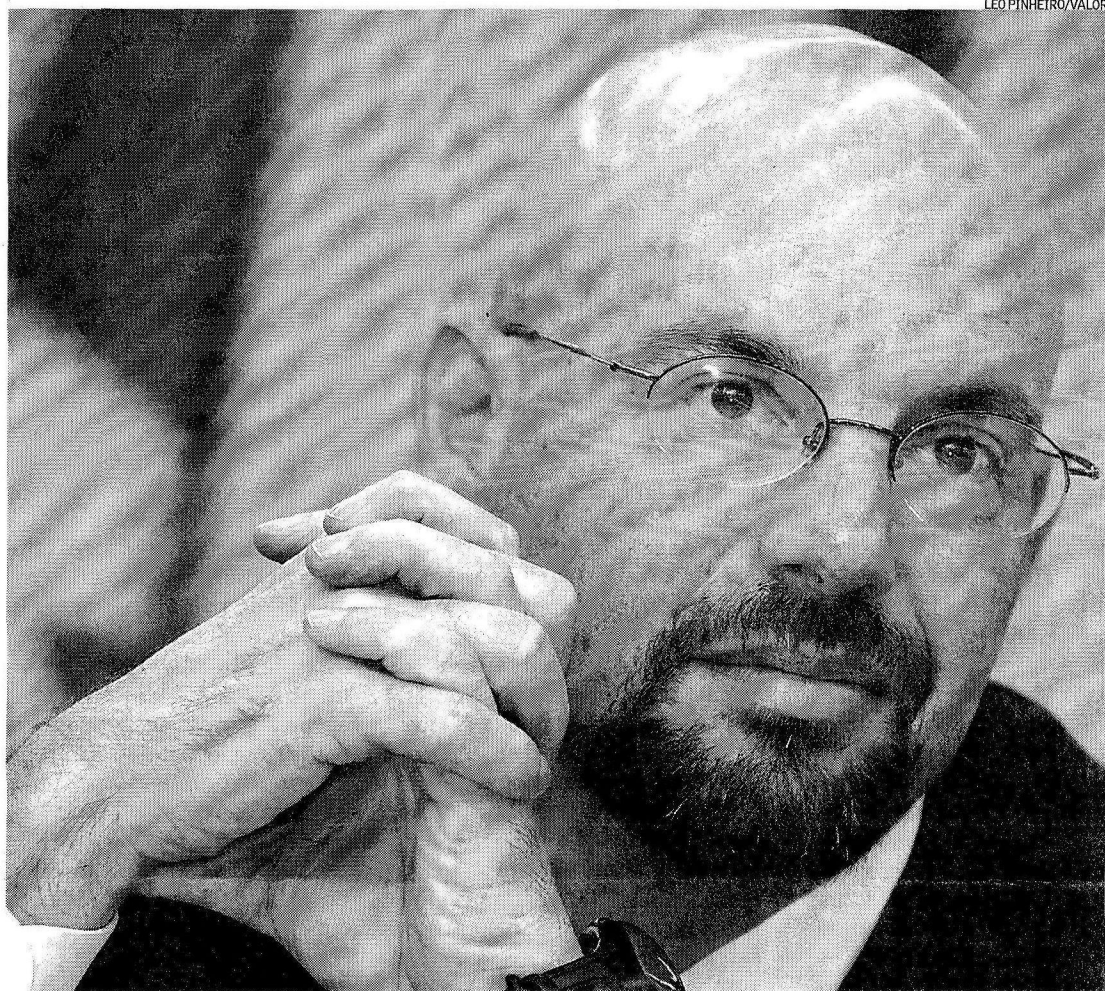
Alex Ribeiro
De Brasília

O Banco Central traça, para os próximos anos, um cenário de contínua queda na dívida externa, ainda que não em uma velocidade tão alta como a ocorrida desde meados de 2003. O diretor de Assuntos Internacionais da instituição, Alexandre Schwartzman, afirma que, mesmo que ocorra a esperada redução nas receitas líquidas de comércio exterior e de serviços, o país continuará a pagar parcela da dívida externa no próximo ano, graças aos recursos que ingressam sob a forma de investimentos diretos.

Entre junho de 2003 e de 2004, a dívida externa total registrou uma redução de US\$ 14,183 bilhões, caindo para US\$ 204,670 bilhões. A diminuição do endividamento só foi possível em virtude do bom desempenho em conta corrente, que somou um saldo positivo de US\$ 7,914 bilhões no período e permitiu que setor privado e o Tesouro Nacional comprassem dólares no mercado para honrar seus compromissos no exterior. Daqui por diante, porém, a tendência é a conta corrente caminhar para o equilíbrio. Segundo estimativa do BC, em 2005 o saldo deverá ser de apenas US\$ 100 milhões.

“Mesmo com o saldo menor em conta corrente, o endividamento externo continuará a cair, com a ajuda dos investimentos diretos”, diz Schwartzman. Para 2005, o saldo líquido projetado para os investimentos estrangeiros diretos é de US\$ 14 bilhões, pouco superior aos US\$ 10,687 bilhões registrados nos 12 meses encerrados em junho passado. O diretor do BC admite que, do ponto de vista do passivo externo líquido (soma dos capitais estrangeiros investidos no país, incluindo empréstimos e investimentos), a figura não muda muito, mas a nova composição desse indicador de vulnerabilidade externa será de qualidade superior.

Pela primeira vez em anos, a queda do endividamento externo, afirma o diretor, está se verificando em



LEO PINHEIRO/VALOR

Schwartzman: pela primeira vez em muitos anos, menor demanda de empresas ajuda a baixar o endividamento

decorrência da redução da demanda de empresas brasileiras, e não por força da queda da oferta de capitais estrangeiros ao país. Segundo estimativa divulgada na semana passada pelo BC, a taxa de rolagem da dívida externa privada deverá ficar, daqui por diante, na casa de 70% dos compromissos vencidos — percentual que não difere muito do observado de janeiro a agosto deste ano, quando ficou em 64%. “As empresas que continuam a captar são basicamente as exportadoras, que têm receitas em dólares e, portanto, proteção natural contra as flutuações da taxa de câmbio”, diz o diretor do BC. “Quem não tem receitas em dólares está priorizando captações no mercado interno, como debêntures.”

Os dados recentes do balanço de pagamentos divulgados pelo BC parecem comprovar essa tese. As rolagens de bônus do setor pri-

vado, que de forma geral atingem 50%, são mais fortes no setor industrial (renovação de 97,6%) do que no de serviços (38,7%). Boa parte do setor industrial tem receitas em dólares, uma vez que produz bens comercializáveis. Já o setor de serviços normalmente tem receitas em reais.

No percentual de rolagem dos serviços, há uma forte influência do setor financeiro, que, em decorrência do menor espaço para operações de arbitragem, está preferindo não rolar os vencimentos. Mas outros setores importantes também têm feito pagamentos líquidos de sua dívida. É o caso, por exemplo, das empresas de eletricidade, gás e água quente, que pagaram US\$ 870 milhões, de janeiro a agosto passado. Também fizeram pagamentos líquidos as empresas do

setor de atividades recreativas e culturais (US\$ 200 milhões). O setor de serviços vem se financiando basicamente por meio de empréstimos diretos: de janeiro a agosto, foram renovados 125% do US\$ 1,375 bilhão que venceu.

Já setores industriais têm registrado uma taxa de rolagem mais elevada. O destaque é o segmento de metalurgia básica, que inclui as siderúrgicas, que renovou o equivalente a 265% dos vencimentos. De janeiro a agosto, venceram US\$ 274 milhões no segmento, e as captações somaram US\$ 727 milhões. O setor industrial só renovou 48,7% dos US\$ 550 milhões de empréstimos diretos que venceram no período. Um destaque foi o segmento de papel e celulose, que captou US\$ 88 milhões e pagou US\$ 22 milhões.